



Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

ANAIS ELETRÔNICOS

25 a 27 de abril
UEMG/CEFET-MG
Belo Horizonte (MG)

20
17

UM POVO DA PALAVRA: INSCRIÇÕES POÉTICAS E RESSONÂNCIAS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAKRIABÁ¹

Vanessa Lorena Anastácio²
José de Sousa Miguel Lopes³

- Resumo

O modelo de educação escolar indígena que surge no Brasil a partir da Constituição de 1988 e da ampla discussão em âmbito nacional sobre a educação em territórios autóctones, permitiu às escolas indígenas se afirmarem como interculturais, específicas, bilíngues e diferenciadas. Atualmente, diferente de outros momentos históricos, os povos indígenas vêm requisitando a educação escolar em todos os níveis, pois enxergam nela um importante instrumento de reafirmação de suas identidades e de diálogo com a sociedade nacional. Neste interim, o projeto de escola diferenciada vai surgir a partir da forma que cada povo indígena interpreta e dá sentido à escola e às práticas nela inserida. Nas aldeias Xakriabá, em seu desafio de elaborar e colocar em prática um projeto político-pedagógico inovador em diálogo com os processos sociais e educativos da comunidade, cria-se na escola, dentre outros mecanismos, a categoria do professor de cultura. Aquele que trabalha elementos da cultura e da tradição Xakriabá na escola como meio de valorização e preservação da “cultura” e de afirmação da identidade étnica indígena com uma prática não baseada nas formas canônicas de ensinar e aprender na escola. A criação do cargo de professor de cultura está relacionada à própria forma como a escola passa a fazer parte da vida dos índios Xakriabá, em um contexto de retomada das tradições, principalmente a partir de uma preocupação dos mais velhos com o fato de que os jovens estão se distanciando das tradições e de que a escola precisa ensinar também as “coisas da cultura”. Dentre estas “coisas” nos chama à atenção a força e sentido que tem a tradição oral entre os Xakriabá. Uma voz poética preenche a atmosfera da Reserva Indígena⁴ e neste cenário a palavra que traduz a voz poética das manifestações orais se materializa na figura do Contador e da Contadora de Histórias. É comum ao adentrarmos a Reserva vivenciar junto aos nativos momentos de contação de histórias e causos em prosas e versos rimados, mitos, cantorias, situações onde o Contador de Histórias toma a palavra, ora para o divertimento, o ensinamento ou o rememorar acontecimentos vividos pelo grupo. A contação de histórias é um forte aspecto da “cultura” Xakriabá, nela estão presentes conhecimentos e valores tradicionais que envolvem as narrativas de origem compondo toda cosmologia deste

1 Este trabalho resulta de pesquisa de Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Educação e Formação Humana na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais, Campus Belo Horizonte.

2 Mestranda em Educação e Formação Humana pela Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais. E-mail: vlanastacio@gmail.com

3 Doutor e Orientador no projeto de pesquisa de Mestrado em Educação na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) “Um povo da Palavra: inscrições poéticas e ressonâncias na educação escolar indígena Xakriabá”. E-mail: miguel-lobes@uol.com.br

4 A Reserva Indígena Xakriabá está localizada no município de São João das Missões, região norte de Minas Gerais. São 54 mil hectares de terra onde vivem cerca de 8000 indígenas, em 33 aldeias e 3 subaldeias, segundo dados do ISA.

povo. Na palavra do Contador de Histórias Xakriabá podemos perceber potentes elementos de unidade da identidade Xakriabá e como estão sempre buscando relações com personagens e fundamentos dos contos nas práticas da tradição. Mesmo tendo contato com a cultura escrita desde a missão católica de São João dos Índios entre os séculos XVII e XVIII, com a escolarização ainda que incipiente na década de 1930 e a crescente oferta escolar a partir de 1997, hoje com vagas para toda a população na educação básica dentro de seu território, estão preservadas entre os Xakriabá várias manifestações da oralidade e discursos tradicionais. O que se observa é que apesar da acelerada expansão da escolarização e, conseqüentemente, da cultura escrita no território, a linguagem utilizada pelos Xakriabá é predominantemente oral. Entre os Xakriabá, ainda que ao utilizar a escrita, esta contém fortes marcas de oralidade, fato facilmente observado em suas diferentes publicações. Uma análise mais detalhada destes materiais, a experiência de construção de material didático com os professores indígenas Xakriabá ao longo de dois anos e as primeiras análises da pesquisa de campo, levou-nos à conclusão de que estes sujeitos pertencem a uma cultura que tem sua identidade básica firmada nos modos de transmissão oral. Foi no âmbito da produção de material para a escola indígena Xakriabá que identificamos alguns Professores de Cultura Contadores de Histórias, quando surgiram perguntas objetivando investigar os modos de aprendizagem das narrativas e as ressonâncias produzidas por elas na escola a partir da relação de transmissão e apropriação dos contos. Procuro neste trabalho não apenas problematizar a relação ao mesmo tempo cooperativa e tensa existente entre a cultura oral e a cultura escrita na educação Xakriabá, mas também, problematizar as relações entre a educação tradicional e a educação escolar a partir da introdução do ensino de elementos da cultura tradicional Xakriabá na escola. Para tanto fez-se necessário estudos de Ana Flávia dos Santos sobre a identidade e a cultura Xakriabá; Ana Maria R. Gomes e Verônica M. Pereira sobre a relação escola e a cultura entre os Xakriabá; Rafael Barbi C. Santos sobre o conceito de cultura entre os Xakriabá; Manuela Carneiro da Cunha e Eduardo Viveiros de Castro sobre populações e conhecimento tradicionais e cultura indígena; José de Sousa Miguel Lopes sobre cultura oral e cultura escrita; Jacques Le Goff e Maurice Halbwachs sobre memória e memória coletiva, Paul Zunthor sobre oralidade e performance. A pesquisa em andamento permitiu até então, analisar a dinâmica da educação tradicional indígena Xakriabá e a consolidação da escola e suas especificidades no território em diálogo com a “cultura”. Para a investigação tornou-se fundamental um diálogo teórico e metodológico entre antropologia e educação para melhor interpretação dos dados que correlacionam os sujeitos e sua cultura, aprendizagens, saberes e experiências, sendo assim uma pesquisa qualitativa com abordagem etnográfica.

Palavras-chave: memória; tradição; modos de aprendizagem; educação escolar.

- Para um início

Investigar sobre como se desenrola a educação escolar indígena a partir dos Professores de Cultura Contadores de Histórias e das narrativas que reverberam práticas tradicionais do povo Xakriabá, pode trazer contribuições significativas para compreender o desenvolvimento de

uma educação diferenciada e intercultural⁵.

Além disso, nos propõe pensar e problematizar como se articulam cultura e escola a partir de aspectos próprios da identidade e das tradições de um grupo e os modos de aprendizagem que perpassam a circulação das histórias na escola indígena Xakriabá.

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de mestrado da autora⁶, exhibe um panorama da educação escolar indígena Xakriabá e sua relação com a “cultura”, retoma a trajetória histórica deste povo trazendo à luz as tessituras que fazem emergir sua identidade indígena e, junto, as narrativas dos Contadores de Histórias, articulando memória, oralidade, conhecimentos tradicionais, educação e modos de aprendizagem.

Sendo eu mesma contadora de histórias posso experimentar cotidianamente as várias funções da “palavra” falada que perpassa períodos históricos, crenças, tradições e costumes do dia a dia de um povo. Em experiências de trabalho e pesquisa⁷ por comunidades indígenas e quilombolas nos últimos 10 anos direcionei o olhar para as histórias e para os sujeitos que as contavam. Percebi o quanto nestes lugares o Homem ainda está ligado à sua *palavra*. “Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho do que ele é.” (Hampaté Bâ, 1962, p. 5). As experiências vividas do grupo ressoam na palavra, e a palavra comunicada repercute nas experiências vividas. O conto oral, os mitos indígenas são para estes grupos um saber, produto do ensino de uma história ancestral conhecida e memorizada. Por este motivo revelam muito da identidade dos sujeitos que o preservam e garantem a vivacidade das tradições e da memória coletiva.

Nas observações realizadas em campo até o presente momento busquei compreender algumas categorias Xakriabá, por isso ao longo do texto vamos nos deparar com algumas palavras e expressões dos Xakriabá, categorias utilizadas por eles, que optei por destacar em itálico, pois dão nomes e atribuem sentidos diferentes a muitas coisas.

- Tessituras acústicas: identidade, cultura e tradição Xakriabá

A construção da identidade indígena Xakriabá, segundo Santos (1997), está intimamente ligada

5 Educação intercultural é entendida aqui de acordo com Vera Candau (2006) como aquela em que tomamos consciência da construção da nossa própria identidade cultural, das relações com o outro e das representações que construímos deste “outro”, diferente, e o modo como concebemos nossa prática pedagógica considerando a diversidade de cultura e de saberes numa determinada cultura.

6 A pesquisa se debruça sobre a Educação Escolar Indígena Xakriabá e a atuação dos Professores de Cultura Contadores de Histórias na TIX, os modos de aprendizagem das narrativas e as ressonâncias produzidas por elas.

7 Desde o ano de 2003 realizo trabalhos de pesquisa e registro de contos de tradição oral em comunidades tradicionais, rurais, indígenas, ribeirinhas e quilombolas. Destacam-se os livros publicados no projeto Itinerância Sala Verde no âmbito da Associação Projeto Presente (Serra do Cipó – MG) no ano de 2012; a pesquisa e o espetáculo de contação de histórias Memória das Águas do Xingu idealizado por mim e premiado pela Fundação Nacional das Artes – FUNARTE/MINC no ano de 2013; o livro Orixás, Caboclos e Encantados publicado por mim no âmbito do Projeto Laroyê!, premiado pela Fundação Palmares/MINC no ano de 2014 e as contações de histórias realizadas na comunidade de terreiro CEES em Belo Horizonte/MG de 2009 até os dias atuais.

à história de luta pela terra e pelo reconhecimento étnico que viveu este povo. Sua identidade étnica marcada pela mistura entre índios, negros e brancos se conforma ora pelo contato sangrento e conflituoso, no caso dos bandeirantes paulistas nos séculos XVII e XVIII que em busca de metais e escravos colonizaram a região do médio São Francisco, dos missionários que aldearam para catequizar, e das frentes pecuaristas e garimpeiras ao longo dos séculos XIX e XX. Ora pela convivência pacífica, com camponeses, migrantes nordestinos, principalmente do sertão da Bahia e da região, que ocorreu em diferentes momentos da história através de alianças políticas e casamentos feitos entre si e os indígenas.

Como os povos indígenas do nordeste⁸, os Xakriabá teriam sido envolvidos em dois processos de territorialização distintos, o primeiro associado à fundação de missões religiosas e ocorrido ainda no período colonial e o segundo articulado pela agência indigenista oficial, já no século XX. As missões religiosas, localizadas, principalmente, ao longo do sertão do rio São Francisco, tinham como foco a homogeneização dos povos indígenas e a fabricação de um tipo mestiço que viria a ser assimilado. A “mistura” serviu então como justificativa para que os aldeamentos fossem declarados extintos uma vez que seus habitantes não mais eram considerados como indígenas, fato ocorrido após a Lei de Terras em 1850.

Muitos processos de mudança, integração social e cultural e dominação marcaram a história de reconhecimento do território e da construção da identidade Xakriabá. Do contato violento com o branco muitos elementos de sua cultura se extinguíram, a língua⁹ falada antes foi substituída pelo português, o ritual do casamento segue quase que totalmente os padrões religiosos católicos. Já o benzimento, as histórias, os encantados e o Toré, são costumes que não se perderam totalmente: foram preservados e também ressignificados pela força motora da cultura e da memória coletiva se configurando atualmente como elementos de alteridade deste povo, sua cosmologia, religião, vida.

Em todo o território Xakriabá há diferentes formas de oralidade. Estas vocalidades aparecem nas 36 aldeias, são elas: Folias de Reis, Danças de São Gonçalo, Santa Cruz, Benditos, Ladainhas, Orações e Rezas, Loas, Lundus, Sambas e Batuques, Adivinhas, Versos, Contar Histórias, Toré. A *antiga tradição* Xakriabá aparece nas histórias contadas e na prática do ritual sagrado Toré, que acontece em um terreiro sagrado onde os índios mais velhos entram em contato com a onça *Iá Iá Cabocla* e levam oferendas em troca da proteção do território indígena.

Em dois anos de convivência com alguns professores Xakriabá, durante o trabalho de formação de professores e produção de material para a escola indígena Xakriabá no contexto do Programa Saberes Indígenas na Escola – FaE/UFMG, orientei um trabalho de produção

8 A história de “mistura” dos Xakriabá se alinha à história de outros povos indígenas do nordeste brasileiro. São populações de longo contato com a sociedade colonial que equivocadamente foram marcadas por uma antropologia da perda. Entendidos como aqueles que perderam sua cultura pelo contato intenso com o não índio passaram a compor a chamada “área cultural nordeste” (Dantas, 1992, p.431), expressão que designa estes povos difíceis de se diferenciarem linguística e culturalmente em função de sua “mistura”.

9 Os índios Xakriabá foram identificados pelo Handbook of South American Indians como Jê, subdivisão Akwe. O linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues apontou-os como pertencentes ao tronco linguístico Macro-Jê, família Jê, e a língua Xakriabá como um dialeto de falantes da língua akwen.

com os contadores de histórias no território. Percebi que os homens e mulheres que contam histórias são reconhecidos e denominados por eles como *contadores de histórias*, estes que têm o domínio das narrativas, dos saberes. Como dizem os indígenas, aqueles que têm *agência* para contar histórias: memória, palavra, gesto, saber tradicional, voz poética.

Para os Xakriabá as histórias são o saber do povo e são contadas para informar, distrair, divertir e ensinar sobre sua cosmologia, hábitos cotidianos, crenças, ritos, regras e valores tradicionais. Todo o universo cultural do grupo está preservado em seus contos e é aprendido e compreendido através deles.

A Palavra do contador de histórias perpassa os períodos históricos, as crenças, as tradições, os costumes e o cotidiano de um povo. Observou-se na primeira fase do trabalho de campo na TIX¹⁰ que a vocalidade própria dos Contadores de Histórias Professores de Cultura é moldada de saberes do *tempo dos antigos* em diálogo com os conhecimentos do *tempo de agora*, comunica e transforma, seduz e tem poder. É também uma Palavra-Arte, performatizada, espetacularizada com uma estética sempre própria, espelho de uma identidade constituída a partir da tradução e incorporação estética da alteridade. Neste contexto, contar histórias é uma arte que oferece a palavra como possibilidade de cultivar espaços de recriação e ressignificação, além da transmissão do conhecimento oportuniza um aprendizado estético.

Ao afirmar ter os contadores de histórias professores de cultura uma Palavra-Arte partimos da perspectiva do que é arte no universo indígena, onde o produto da arte e a sua produção não está deslocada do cotidiano da aldeia em sua função e prática. As observações em campo nos leva a perceber que o conceito de arte entre os Xakriabá está muito mais relacionado à produção material como cerâmica, artesanato em osso, madeira, seda de buriti, do que às artes mnemônicas, danças e músicas que compreendem as expressões artísticas do patrimônio imaterial Xakriabá. Seus significados e significantes estão ainda em construção. Busco ainda compreender como na TIX os Contadores de Histórias Professores de Cultura compreendem estes saberes e aprendizagens artísticos e estéticos atribuídos à sua atuação e performance.

Essas observações nos permitem ainda ler indícios da condição dos *Contadores de Histórias* no território Xakriabá tal como nos indica Paul Zumthor (1997, p. 227), podem passar a ser também “porta-vozes do povo, moderadores do poder, historiadores, animadores: a comunidade os escolheu por sua eloquência, seu juízo, sua aptidão para emocionar”. O *Contador de Histórias* assume, então, uma posição de autoridade que lhe é delegada pelos saberes que detém e transmite oralmente para as gerações.

Cabe ainda uma reflexão à luz da teoria de Jacques Le Goff sobre os estudos da memória e da oralidade: “O poeta tem o seu lugar entre os ‘mestres da verdade’ e, nas origens da poética grega, a palavra poética é uma inscrição viva que inscreve na memória como no mármore” (LE GOFF, 1996. p. 438). Percebe-se assim mais uma função dos contadores de histórias de serem guardiões da memória do grupo, como nas sociedades sem escrita.

Nestas sociedades sem escrita há especialistas da memória, homens-memória: “genealogistas”, guardiões dos códices reais, historiadores da corte, “tradicionalistas”, dos quais Balandier diz que são “a memória

da sociedade” e que são simultaneamente os depositários da história “objetiva” e da história “ideológica”, para retomar o vocabulário de Nadel. Mas também “chefes de família idosos, bardos, sacerdotes”, segundo a lista de Leroi-Gourhan que reconhece a esses personagens “na humanidade tradicional, o importantíssimo papel de manter a coesão do grupo”. (LE GOFF: 1996, p. 429)

Esta acepção dos *Contadores de Histórias* se mantém viva na cultura Xakriabá, em um universo que se apropriou da escrita, porém não escritocêntrico. Em diferentes contextos sociais, as histórias contadas mantêm os indivíduos unidos em torno do entendimento e do reconhecimento de sua própria cultura. A força da palavra, mesmo em uma cultura predominantemente escrita, transcende as possibilidades de entendimento da realidade, podendo recriá-la ou transformá-la. Ao nos comunicar de situações nas quais nos reconhecemos, o conto nos ajuda a pensar nossa própria história e sua relação com o indivíduo, favorece a função criadora e possibilita a transformação (MATOS, 2005).

Podemos pensar os costumes Xakriabá nos termos de uma cultura essencialmente acústica, segundo aponta LOPES (2004), não desprezando sistemas de escritura pictográfica ou ideográfica como as pinturas corporais e rupestres encontradas no território Xakriabá, bem como pinturas geométricas feitas nos artesanatos em cerâmica, osso e madeira. O autor destaca,

Designo por cultura acústica a cultura que tem no ouvido, e não na vista, seu órgão de recepção e percepção por excelência. Trata-se no entender de Antonio Vinão Frago, de uma “cultura não linear, mas esférica”. Numa cultura acústica, a mente opera de outro modo, recorrendo (como artifício da memória) ao ritmo, à música e à dança, à repetição e à redundância, às frases feitas, às fórmulas, às sentenças, aos ditos e refrãos, à retórica dos lugares-comuns – técnica de análise e lembrança da realidade – e às figuras poéticas – especialmente a metáfora. Sua oralidade é uma oralidade flexível e situacional, imaginativa e poética, rítmica e corporal, que vem do interior, da voz, e que penetra no interior do outro, através do ouvido, envolvendo-o na questão. Nessa cultura, os homens e as mulheres sabem escutar e narrar, contar histórias e relatar. E isso com precisão, clareza e riqueza expressiva. De um modo cálido e vivo como a própria voz. São mestres do relato, das pausas e das brincadeiras, da conversa e da escuta. Amam contar e ouvir histórias, tomar parte nelas. É uma cultura caracterizada por um determinado conhecimento histórico, social e individual do sistema de representação fonética da língua oral – ou seja, da “escrita alfabética” - do qual hoje vem se apropriando, via educação escolar. (LOPES: 2004, p. 26-27)

As narrativas dentro da TIX são compreendidas por esta pesquisa, como o espaço simbólico onde os Xakriabá se reconhecem e são reconhecidos, criam e recriam suas experiências cotidianas e ainda mobilizam práticas e conhecimentos tradicionais. Mas o que seria tradição? De que tradição estou falando? O conhecimento tradicional é definido por Manuela Carneiro

da Cunha (2009) como aquele que se aprende fazendo, o que se aprende na prática e que foge à escola, adquirido de forma extra-acadêmica. A pesquisadora aponta ainda para o fato de que o conhecimento tradicional não é somente o conteúdo, mas também as formas de existência e de transmissão dos conteúdos. Neste sentido, a tradição pode ser muitas vezes reinventada na medida em que a vida em comunidade se transforma.

Mas como essa categoria *cultura* é compreendida pelos Xakriabá? SANTOS (2010) afirma que diante dos processos de reconhecimento da indianidade Xakriabá foi necessário a eles demonstrar às instituições conhecimentos que comprovassem sua condição indígena, dar uma resposta contrária à sua caracterização como “aculturados”, tendo a *cultura* pensada como algo que se perdeu devido aos processos históricos de mistura e repressão aqui já relatados. O autor conclui:

O projeto de retomada ou levantamento da cultura não é pautado pelo “desmisturar”, nem por um desejo de voltar ao passado. Os Xakriabá não anseiam novamente por se tornarem gente do mato e o que querem é levantar, retomar ou trazer de volta elementos muito específicos da cultura dos antigos (a cerâmica, a língua, os adornos, a pintura corporal). Além disso, o levantamento da cultura é um processo que implica justamente no estabelecimento de relações com Outros, sejam estas com os povos parentes ou com as mais diversas instituições e pessoas que os Xakriabá julgam capazes de auxiliá-los no levantamento. Os próprios antigos, elementos centrais do processo, são figuras da alteridade devido à sua diferença (índios apurados) e seu estado (gente morta ou encantada). (SANTOS: 2010, p. 180)

Assim, podemos ver que o conceito de *cultura* para os Xakriabá é uma constante construção de sentidos pautada no processo de *levantamento da cultura*. Esta forma de pensar a *cultura*, totalmente relacionada ao conceito antropológico de cultura, nos indica outra importante questão de análise: como a “cultura” está inserida na escola Xakriabá. Será importante aprofundar essa questão no próximo capítulo a partir de um panorama da educação escolar indígena no território Xakriabá assinalando como os Xakriabá atribuem sentido e constrem a sua escola em diálogo com a “cultura”.

- Escola e cultura entre os Xakriabá

A educação escolar indígena passou por profundas mudanças desde a Constituição Federal de 1988, um marco divisor de águas no pensamento acerca dos povos indígenas no Brasil. Antes, a visão assimilacionista do Estado conduzia os povos indígenas na perspectiva de uma educação e uma escola “para o índio”, numa relação vertical da cultural ocidental para a cultura indígena, buscando integrá-lo à sociedade nacional. A partir de 1988 o Estado brasileiro proclama e garante os direitos específicos dos povos indígenas enquanto povos diferenciados, reconhecendo sua existência sociocultural e étnica.

Em 1991 a responsabilidade da educação escolar indígena deixa de ser da FUNAI e passa para os sistemas de ensino federal, estadual e municipal. A LDB de 1996 e o Plano Nacional de

Educação vêm reafirmar o reconhecimento constitucional e, ao tratar da educação indígena, reconhece os “direitos de autonomia político-pedagógica das escolas indígenas na definição e implementação de processos educativos inerentes aos sistemas socioeducativos de cada povo” (LUCIANO, 2013). Ainda de acordo com a LDB (1996), nos artigos 78 e 79, a educação escolar indígena deve ser intercultural, bilíngue, específica e diferenciada.

Na década de 1990 observamos em todo o país diversas ações de implementação das escolas indígenas. Em Minas Gerais, desde a criação do Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI), nos últimos 15 anos, o acesso à escola e, conseqüentemente, à escrita ganhou contornos jamais vivenciados pelos Xakriabá. A pesquisadora Ana Maria R. Gomes (2014) ao dizer da luta dos Xakriabá pela instituição da escola em 1997 traz a dimensão do crescimento da oferta escolar na TIX,

A escolarização avançou de forma intensa, passando de cerca de 600 alunos, ainda em 1994, a 1.400 alunos, inscritos em 1997, chegando a mais de 2.500 alunos, entre 2008 e 2013.

Em termos de percentual da população em idade escolar presente na escola, em pouco mais de 10 anos, na TIX, esse passa a ter um alcance da escolarização que, no Estado de Minas Gerais, se levou cerca de 80 anos para se produzir. (GOMES; MIRANDA: 2014, p. 475)

A chegada da escola e da eletricidade marca um intenso processo de modernização pelo qual passou os índios Xakriabá nas últimas décadas, junto ao crescimento da escola cresce o acesso à tecnologia da escrita. O que se percebe é que apesar dos processos colonizadores e de escolarização que trouxeram a leitura em voz alta em substituição da narrativa oral tradicional, a oralidade em suas diferentes formas – histórias, cantos, rezas, ladainhas, brincadeiras – permanece viva e forte nas aldeias e se constitui como uma das principais formas de transmitir conhecimento na escola indígena Xakriabá.

O que posso afirmar de minhas observações é que entre os Xakriabá existem diferentes modos e estratégias de apropriação da escrita e múltiplas formas de relação entre a oralidade e a escrita: a primeira, porém, permanece como referência dominante por ser a forma de tradicionalmente aprender e ensinar. Nota-se, inicialmente, na atuação, pesquisas e produções dos professores uma relação não dicotômica entre oralidade e escrita, mas sim uma inter-relação onde ambas interagem e comunicam-se.

Estabelecendo um paralelo, podemos afirmar que esta forma de tratamento da escrita na escola Xakriabá revela aspectos fundamentais da concepção e do pensamento que norteiam a criação e a manutenção da educação escolar indígena em Minas Gerais: ser ela intercultural, bilíngue, específica e diferenciada. Na perspectiva da interculturalidade, a escola indígena pode funcionar como elo de comunicação e ponte entre as diferentes culturas. Ser bilíngue revela a prioridade da preservação e valorização da língua e o direito à diferença. Específica e diferenciada por ser singular, ser a escola “daquele povo”, a escola “do índio” e não “para o índio”, privilegiando suas formas próprias de transmissão dos conhecimentos e processos de aprendizagem e principalmente por se enraizarem em territórios autóctones – Terras Indígenas –, por atenderem estudantes indígenas e, também, por constar, majoritariamente, em seus quadros docentes, professores indígenas.

Devemos considerar, porém, que estas perspectivas que se colocam para a educação escolar indígena e as práticas em curso se configuram como um grande desafio para professores, gestores e lideranças indígenas que pensam a escola. Entre eles o desafio de erguer escolas indígenas com pedagogias e metodologias que superem o “monopólio da cultura escritocêntrica” e abrir espaços para outros modos de transmitir conhecimentos através “da oralidade, da imagem, da observação, dos exemplos dos mais velhos, do aprender fazendo, vivendo, experimentando, pesquisando e descobrindo”. (LUCIANO, 2013. p. 11).

Outro desafio enfrentado pelos protagonistas da escola indígena é o de pensar como a “cultura” indígena está inserida na escola. Com a inserção das escolas nos territórios indígenas, a educação que antes era de responsabilidade somente da família, dos mais velhos e da comunidade, acontece também da escola. Muitos dos conhecimentos tradicionais passam a ser ensinados na escola. Vários povos indígenas veem na escola um lugar privilegiado para a circulação dos conhecimentos tradicionais, uma possibilidade de “resgate, transmissão, exercício e valorização das suas práticas culturais e identitárias”. (LUCIANO, 2013. p. 8). Mas, seria possível escolarizar conhecimentos tradicionais? A escolarização da cultura nos leva a pensar que recuperar a cultura por intermédio da escola poderia ser também uma forma de distanciá-la das tradições, pois os processos de compartilhamento e produção da cultura mediados pela escola são profundamente diferentes das formas tradicionais de produzir e compartilhar conhecimento. Ao mudar a forma, não muda também o conteúdo? A escola e os professores indígenas têm refletido sobre esta questão?

Na organização escola indígena Xakriabá a “cultura” entra institucionalmente na figura de professores e disciplinas que buscam a abordagem da “cultura”, como os professores de cultura, o professor de práticas culturais, o professor de artes e o professor de uso do território (PEREIRA, 2013). No âmbito administrativo junto à Secretaria de Estado da Educação a inserção destes profissionais e disciplinas na escola Xakriabá inaugura desafios diversos, esta, porém, é uma discussão importante para se aprofundar em outra oportunidade.

O professor de cultura aparece neste contexto principalmente a partir de uma preocupação dos mais velhos com o fato de que os jovens estão se distanciando das tradições e de que a escola precisa ensinar também as “coisas da cultura”. A pesquisadora Verônica Mendes Pereira em sua tese de doutorado sobre *A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá* constatou que apesar de ser um produto da escola, o professor de cultura ensina coisas que vão além da escola e até mesmo a precedem, o que chamam de *coisas da cultura*, são “coisas”, muitas vezes, diferentes das que encontramos nas escolas comuns. Há tanto uma diferença no conteúdo como na forma dos professores trabalharem esses conteúdos (PEREIRA, 2013. p. 17). Aqui vemos que a escola surge como a instituição que se coloca a tarefa de valorizar e preservar a cultura, mas também uma reflexão sobre a forma como a cultura e os conhecimentos tradicionais são ensinados na escola.

Nos encontros de formação com professores indígenas no programa “Saberes Indígenas na Escola – SIE/UFMG” pude confirmar a afirmativa de Pereira (2013) de que os professores de cultura têm cada um seus mentores anciãos e anciãs Xakriabá. Os mentores promovem o ensinamento das práticas e culturas de tradição para que possam ser ensinadas na escola através da mediação deste professor, fato também observado pela pesquisadora acima citada. Ou seja, podemos concluir que as demandas pela manutenção e valorização dos conhecimentos, das culturas, das tradições e dos valores tradicionais próprios deste povo indígena fica, na escola,

a cargo das práticas e dos modos de aprendizagem que envolvem, principalmente, o professor de cultura. Porém,

[...] não podemos perder de vista a relação, ao mesmo tempo tensa e cooperativa, que ocorre entre sujeitos mais velhos – responsáveis pela manutenção das tradições, depositários do saber tradicional e de sua lógica de transmissão –, de um lado, e alunos e professores, de outro, que assumem importância decisiva no cenário contemporâneo, não apenas porque representam uma nova categoria de sujeitos letrados, mas porque ocupam o lugar de intérpretes legítimos da cultura Xakriabá, os quais, por intermédio da escola, lutam para que sua identidade seja reconhecida e preservada. (GERKEN et al, 2014, p. 253)

Na escola indígena Xakriabá não é exigido ao professor de cultura uma formação escolar. Estes professores são escolhidos pela comunidade por seu envolvimento com as práticas da tradição e conhecimento das *coisas da cultura*. Desta forma, não haveria em suas aulas uma forma mesmo diferenciada, ou até mesmo peculiar aos outros professores, de transmitir o conhecimento? Sendo estes professores de cultura também contadores de histórias como sua performance estaria relacionada aos modos de aprendizagem? Ora, se cada professor de cultura tem seu “mentor”, pode-se afirmar que estão sendo formados pela comunidade e não pela escola? Ou a escola, ao propiciar formas peculiares de aprendizado também forma o professor de cultura?

Vale lembrar ainda que o professor de cultura está em um espaço de fronteira entre os modos de aprendizagem de uma cultura oral não escolar e outra escrita escolarizada, tanto pelo fato de alguns deles não terem tido formação escolar como também por serem seus mentores em sua maioria pessoas que nunca frequentaram a escola. Espaço de fronteira, aqui entendido como aquele proposto por Tassinari, a partir de Barth: “Espaço de contato e intercâmbio entre populações, espaço transitável, transponível, como situação criativa na qual conhecimentos e tradições são repensados, às vezes reforçados, às vezes rechaçados...” (TASSINARI, 2001, p.68).

O professor de cultura, além de já estar intimamente envolvido com a “cultura” em suas vivências, também está em processo de aprendizagem desta mesma “cultura” em um processo de transmissão do conhecimento extra acadêmico, ele está também em constante troca com outros professores de cultura da escola, e no caso das narrativas e dos mitos, eles circulam para além destes professores contadores de histórias. Sendo assim, temos a presença do ensino e aprendizagem dos conhecimentos tradicionais na escola e seriam as narrativas e mitos uma forma de demonstrar performaticamente a “cultura” e os conhecimentos tradicionais Xakriabá na escola.

- Considerações finais

Apresento algumas questões para a finalização destas reflexões, não conclusivas considerando os caminhos ainda a se percorrer nesta pesquisa, que nos ajude a compreender os desdobramentos das dinâmicas que os Xakriabá estabelecem entre memória, tradição, cultura e escola a partir do Professor de Cultura Contador de Histórias.

A primeira delas, e que diz respeito à metodologia utilizada para este estudo, é a importância da etnografia na educação indígena de modo a nos permitir entender as escolas indígenas e seus mecanismos diversos e específicos de funcionamento. Considerando que a escola entra nas comunidades indígenas de modo a atuar conjuntamente com seus regimes próprios de conhecimento, devemos estar atentos ao risco de homogeneização que a incorporação da cultura na escola traz aos territórios autóctones. Tendo em vista que a escola pode fazer circular mais conhecimentos ou homogeneizá-los bem como suas práticas de aprendizagem, conforme nos aponta a pesquisadora Clarice Cohn (2014).

Outro aspecto de importante relevância apontado pelos processos de *levantamento da cultura* na escola Xakriabá é o papel do Professor de Cultura Contador de Histórias, ainda em análise, mas que nos aponta que ao se recuperar as memórias e as tradições o saber histórico e cosmológico pode desempenhar um papel diferenciado na vida da comunidade. As narrativas, histórias contadas, desempenham assim um papel fundamental na afirmação da identidade do grupo e valorização de uma história desprezada pela sociedade e pela história oficial, caminhando para um amadurecimento do trabalho com a linguagem oral e escrita nas aldeias.

- Referências

AGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CANDAU, Vera (org.). *Educação Intercultural e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.

CUNHA, Manuela Carneiro. “*Cultura*” e *cultura*: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009.

GERKEN, Carlos Henrique de Souza (et al). *Letramento, identidade e cotidiano entre os jovens Xakriabá*. Educação em Revista. Belo Horizonte. v.30. Nº04. p. 251-276. Outubro-Dezembro 2014.

GOMES, Ana Maria R. O processo de escolarização entre os Xakriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação. *Revista Brasileira de Educação* v. 11 n. 32 maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a10v11n32.pdf>. Acesso em: 05/10/2015.

GOMES, Ana Maria R.; MIRANDA, Shirley Aparecida. A formação de professores indígenas na UFMG e os dilemas das “culturas” entre os Xakriabá e os Pataxó. In.: CUNHA, Manuela Carneiro; CESARINO, Pedro Niermeyer. *Políticas Culturais e Povos Indígenas*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

ÍNDIOS XACRIABÁ. *Com os mais velhos*. Belo Horizonte, FALE/UFMG, CGEEI/SECAD/MEC, 2005.

LDB. *Lei de Diretrizes e Bases* . Lei no 9394 de 20/12/1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 4ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

- LOPES, José de Sousa Miguel. *Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural*. São Paulo: Educ, 2004.
- LUCIANO, Gersem José dos Santos. *Educação escola indígena no Brasil: avanços, limites e novas perspectivas*. 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.
- MATOS, Gislayne Avelar. *A palavra do contador de histórias*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PEREIRA, Verônica Mendes. *A circulação da cultura na escola indígena Xakriabá*. Tese de Doutorado em apresentada na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013, 158 p.
- SANTOS, Ana Flávia Moreira. *Do terreno dos caboclos do Sr. São João à Terra Indígena Xacriabá: as circunstâncias da Formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília. Brasília: 1997.
- SANTOS, Rafael Barbi Costa. *A Cultura, O Segredo e o Índio: diferença e cosmologia entre os Xakriabá de São João das Missões/MG 207 f*. Dissertação (mestrado). Antropologia Social – Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.
- SILVEIRA, Elza Gonçalves da. *Sobre a literatura Xakriabá*. Belo Horizonte: FALE/UFGM:CGEEI/SECAD/MEC, 2005.
- TASSINARI, Antonella. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. *Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola*. SP:Global, 2a ed, 2001
- VIVEIROS DE CASTRO. *Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio*. Mana. Estudos de antropologia social, 115-144, 1996.
- WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. Trad. Marcela Coelho de Souza e Alexandre Morales. São Paulo: Cosac Naify, 2010.
- ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

5 Seminário

Educação e Formação Humana: desafios do tempo presente

Realização



FACULDADE DE
EDUCAÇÃO



Apoio



UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE MINAS GERAIS



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coparticipação

FADECIT.
FUNDAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO
DA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE
MINAS GERAIS